

6 Conclusão

A cidade letrada diluiu suas fronteiras, “desmanchou suas bordas” na “modernidade líquida” do mundo contemporâneo. O desmanche se processa em movimentos opostos de correntes que se chocam e se diluem em novas misturas. Um primeiro movimento é resultado do empenho vertical, unificador e homogeneizador, conduzido por um mercado cego, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades, impondo elementos mais ou menos maciços da cultura de massas, indispensável ao reino do mercado. Mas como essa conquista, mais ou menos eficaz, segundo os lugares e as sociedades, jamais é completa, encontra resistência da cultura preexistente, e nesse sentido, oposto, não sem o aproveitamento de elementos da “outra corrente”, constituem-se assim formas mistas sincréticas.

Os homens não são igualmente atingidos pelo fenômeno da globalização, da corrente unificadora e homogeneizadora, cuja difusão encontra obstáculos na diversidade das pessoas e na diversidade dos lugares. Na realidade, a globalização agrava a heterogeneidade, dando-lhe mesmo um caráter ainda mais estrutural. Uma das conseqüências de tal evolução é a nova significação da cultura popular, com potencial para rivalizar com a cultura de massas. Outra é a produção das condições necessárias à reemergência das próprias massas, apontando para o surgimento de um novo período histórico, a que Milton Santos chama período demográfico ou popular.

Na corrente da racionalidade dominante, pouco espaço é deixado para a variedade, a criatividade e a espontaneidade. Enquanto isso – e por isso - na contracorrente, surgem outras formas de racionalidade produzidas e mantidas pelos que estão “em baixo” e que conseguem escapar da “outra racionalidade” dominante. Isso se deve, em grande parte, como aponta Milton Santos - e trazendo o ensinamento de Jean Paul Sartre - à experiência da escassez que torna a história possível, “graças à unidade negativa da multiplicidade concreta dos homens”, nas palavras do filósofo francês.

O nosso tempo consagra a multiplicação das fontes de escassez, seja pelo número avassalador de objetos presentes no mercado, seja pelo chamado incessante ao consumo. A cada dia apresenta-se um novo objeto que nos é mostrado para provocar o apetite. A humanidade atual vive, mediante o mercado e a publicidade, dessa maneira,

criando desejos insatisfeitos, mas também reclamando explicações diante de uma realidade imposta, cada vez mais “desmascarada”, acredita Milton Santos. Pode-se dizer que tal movimento se repete, enriquecendo o movimento intelectual. A experiência da escassez torna-se a ponte entre o cotidiano vivido e o mundo. Dessa forma, “constitui um instrumento primordial na percepção da situação de cada um e uma possibilidade de conhecimento e de tomada de consciência”, defende Milton Santos.¹

A multiplicidade de situações regionais e municipais, trazida com a globalização, instala uma enorme variedade de quadros de vida, cuja realidade preside o cotidiano das pessoas e deve ser a base para uma vida civilizada em comum. Assim a possibilidade de cidadania plena das pessoas depende de soluções a serem buscadas localmente, defende Milton Santos, e conclui: “Tudo indica que estamos atingindo a fronteira, agora que, nos diversos níveis da vida econômica, social, individual, vivemos uma racionalidade totalitária que vem acompanhada, paradoxalmente, de uma perda da razão”.

Neste caso, o papel dos intelectuais será talvez, muito mais do que promover um simples combate às formas de ser da racionalidade dominante – tarefa importante, mas insuficiente, nas atuais circunstâncias – mas deve empenhar-se por mostrar, analiticamente, a vida sistêmica dos excluídos e suas manifestações de resistência a uma conquista indiscriminada e totalitária do espaço social pela racionalidade dominante.

Assistimos, hoje, à configuração de uma nova inteligência que traz uma visão renovada da realidade contraditória de cada parte do território nacional, e deve ser oferecida à reflexão da sociedade em geral, que encontrará nessa nova organização os elementos necessários para a postulação e o exercício de uma outra política, mais condizente com a busca do interesse social. Essa nova inteligência configura uma outra noção de *representação* no mundo de hoje, e se constitui a partir do cidadão comum como protagonista da sua história. Não é mais o intelectual que se compromete com as causas da comunidade, mas é alguém que já nasce comprometido com a sua condição de pobreza e miséria; e fala sobre a contradição, não mais mediado pela ciência, mas pela experiência. Esse intelectual não tem mais a aura. Costumava ser o objeto da Sociologia e agora se torna sujeito da sua própria sociologia. Derruba mitos de uma tradição autoritária da nossa intelectualidade identificando-se com a simplicidade e a pobreza e oferecendo embates desafiadores à cultura letrada e ao poder do cânone. Esse

¹ SANTOS, 2004: 130.

“novo intelectual” ainda conta com a autonomia que se perdeu na experiência do intelectual tradicional.

Esta é uma visão oferecida a nossa intelectualidade. Há os que dizem que ainda não temos os ouvidos disponíveis para integrar a novidade que vem por aí. Ela é agressiva, assustadora e violenta. Mas por outro lado, pode dar ainda algum sentido ao futuro. A denúncia do desumano pode fazer com que as pessoas despertem para o desejo de mudança.

É o que parece representar o esforço das manifestações populares da periferia onde despontam intelectuais – orgânicos, na concepção gramsciana – como MV Bill e Celso Athayde, que pretendem ir além da denúncia, “pretendem mostrar a cara”, como parecem querer mostrar na sua viagem pelos “infernos” do Brasil – em *Cabeça de porco e Falcão, os meninos do tráfico*: que não nos habituemos com o inferno, lutando para que haja, ainda, indignação e ação. É algo que poderia ser resumido na conclusão de Marco Pólo depois da sua viagem pelo mundo, no romance *Cidades invisíveis* de Ítalo Calvino:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.²

No desmanche de bordas da atualidade, o *deslocamento*, tese exemplar de Ricardo Piglia, torna-se fundamental para a compreensão do nosso momento, em que as artes mantêm o papel fundamental que sempre tiveram. A literatura, agora, livre de antigos papéis, guarda ainda a importante condição de terreno das possibilidades, e das vozes daqueles que ficaram à margem do sucesso dos fatos, como aponta Nicolau Sevcenko

Para que ele [escritor] cumpra o papel e o destino que lhe cabem, é necessário que se perca nos meandros de possíveis inviáveis. Desejos inexecutáveis, projetos impraticáveis: todos porém produtos de situações concretas de carência e privação, e que encontram aí o seu âmbito social de correspondência. (...) A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. (...) Pode-se, portanto, pensar

² CALVINO, 1990: 150.

numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das idéias não consumidas. A produção dessa Historiografia teria, por conseqüência, de se vincular aos agrupamentos humanos que ficaram marginais ao sucesso dos fatos. Estranhos ao êxito mas nem por isso ausentes, eles formaram o fundo humano de cujo abandono e prostração se alimentou a literatura. Foi sempre clara aos poetas a relação intrínseca existente entre a dor e a arte.³

Roland Barthes completa que todas as análises sócio-ideológicas concluem pelo caráter deceptivo da literatura: a obra seria sempre escrita por um grupo socialmente desiludido ou impotente, fora de combate por situação histórica, econômica, política; a literatura seria a expressão dessa decepção.

A marca da ruptura está presente na expressão cultural e artística das duas transições de séculos. A proposta de ruptura do modernismo brasileiro em relação à cultura européia, na valorização dos elementos da nossa cultura popular, serviu para *épater les bourgeois*, na tentativa de incorporar “as classes marginalizadas como parte integrante da nacionalidade moderna”, atacando um gosto e um ambiente do qual os próprios modernistas faziam parte.

Hoje, o discurso de ruptura da cultura marginal do século XXI, por sua vez, marca a tomada de voz dos próprios marginais empenhados em dar visibilidade à diferença, marcar seu lugar neste mundo e denunciar as contradições estruturais do nosso sistema. Será então uma ruptura elaborada por aqueles que a experimentam no seu cotidiano, reafirmando a nova concepção do intelectual, já apontada por Michel Foucault na década de 70: “o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem”.

Os discursos, as linguagens e as expressões artísticas têm implicações políticas profundamente importantes numa realidade em que as formas da política tradicional se distanciam cada vez mais do seu papel de legítima representação popular. A linguagem da rebeldia, presente na literatura marginal ou no *hip hop*, está na ordem do poder libertador em oposição à opressão da linguagem que se quer fixa, estável, da palavra de ordem, do lugar comum. Existe de um lado este poder estabilizante e do outro, a possibilidade. Frequentemente o intelectual que se encaixa no discurso instituído acaba se calando ou se igualando no mesmo discurso.

³

SEVCENKO, 2003: 30-31.

O mundo de hoje deve ser enxergado como o que na verdade ele nos traz, isto é, um conjunto presente de possibilidades reais, concretas, todas factíveis sob determinadas condições. “O futuro são muitos”, lembra Milton Santos. Em outras palavras: a realidade é, além do que somos, tudo aquilo em que ainda não nos tornamos, ou seja, tudo aquilo em que nos projetamos como seres humanos, por intermédio dos mitos, das escolhas, das decisões e das lutas. Como nos ensina Mário de Andrade, é imprescindível saber saber.